

## COLONIALISMO, CRISTÃOS E ESPORTE: A IGREJA CATÓLICA E O FUTEBOL EM GOA, 1883-1951<sup>1</sup>

**James Mills**

University of Strathclyde, Glasgow, Escócia

### **Resumo:**

Este trabalho utiliza o desenvolvimento do futebol em Goa, colônia portuguesa na Índia até 1961, como estudo de caso do qual analisa fatos existentes do esporte e do colonialismo. O ponto de partida do artigo é que estudos já realizados sobre o futebol em particular e sobre o esporte, em geral, em contextos coloniais, apresentam uma série de semelhanças. Em termos gerais, um modelo pode ser concluído a partir desses estudos, quando a ação missionária cristã e projetos do governo colonial desenvolveram atividades para introduzir e incentivar esportes ocidentais entre as populações colonizadas, que depois, eventualmente, adotaram e se adaptaram a esses jogos. O exemplo de Goa apresenta uma nova perspectiva, pois, enquanto elementos da história do futebol coincidem com estes outros estudos, o papel dos agentes indígenas na propagação do jogo em seus estágios iniciais é crucial para entender como o esporte se desenvolveu e se incorporou na sociedade e cultura local.

**Palavras-chave:** História. Futebol. Colonialismo.

---

### **Introdução**

Vários estudos sobre o esporte em contextos coloniais publicados na última década indicam a importância dos missionários cristãos na introdução de jogos modernos e atividades esportivas em sociedades não ocidentais. As frequentes publicações de J. A. Mangan sobre as escolas missionárias na Índia são provavelmente as mais conhecidas sobre o papel dos cristãos ocidentais em contextos coloniais. Em sua análise mais recente sobre o assunto, o autor buscou nova-

---

1-Publicado originalmente em *Football Studies*, vol. 5, n. 2, 2002. Traduzido com autorização do autor pelo Centro de Excelência Empresarial Ltda-Me (Cetur). Revisão: Cleber Dias.

mente os exemplos de Theodore Leighton Pennell e Cecil Earle Tyndale-Biscoe na Província da Fronteira Noroeste (North-West Frontier Province) e na Caxemira, respectivamente<sup>2</sup>.

A Província da Fronteira Noroeste já possuía um interesse dos indígenas na preparação física de atividades marciais manifestadas em demonstrações de *tent-pegging*<sup>3</sup>. O objetivo de Pennell era aproveitar esta cultura física local para o ethos ordeiro do campo de futebol, uma vez que a região era famosa por suas tropas guerreiras e por cruéis demonstrações de agressão militar. Pennel procurava incentivar o contínuo desenvolvimento de corpos fortes e saudáveis, mas de maneira a enfatizar características valorizadas pelos colonizadores e cristãos da era vitoriana, ou seja, disciplina, obediência à autoridade e trabalho em equipe. Pennel também usou o jogo para introduzir o sentido de pertencimento a uma igreja maior e a uma comunidade imperial. Ele montou um time em uma escola de Bannu para jogar contra os times de outras escolas missionárias pelo norte da Índia e concluiu que “torneios como estes, sem dúvida, tendem a promover o sentimento de amizade e união entre as raças de várias partes da Índia, que até agora tem demonstrado ser tão pouco”. (MANGAN, 2001, p. 44)

A Instituição de Cecil Earle Tyndale-Biscoe, Escola da Sociedade Missionária da Igreja em Srinigar, também mostra que o colonialismo, a atividade da Igreja e o esporte moderno eram fortemente vinculados. Enquanto Pennel atuava em uma região onde ele achava necessário liderar e preparar uma cultura física vigorosa de atividades marciais e de guerra, Tyndale-Biscoe chegou num lugar onde o corpo plácido parecia ser valorizado acima de qualquer coisa. A condição de elite era o corpo não muscular, uma vez que o músculo era sinal do resultado do esforço do trabalho, que era estritamente ligado às classes mais baixas da sociedade local. Desta forma, Tyndale-Biscoe não buscava simplesmente introduzir o esporte como um meio de formação moral, como foi com Pennell, mas utilizá-lo como forma de transformar as sociedades locais. Ele impôs uma série de esportes aos estudantes locais para realizar essas mudanças. O remo foi integrado de tal forma às atividades escolares que as hastes de madeira utilizadas nesse esporte foram

---

2-J.A. Mangan começou a utilizar estes exemplos em 1985 (MANGAN, 1985).

3-Nota do Revisor (NR): *Tent-pegging* é um jogo com cavalos e lanças bastante popular na Índia.

incluídas no emblema da escola. A natação foi outra atividade importante e Tyndale-Biscoe foi capaz de formar um corpo de salva-vidas que salvou mais de 400 pessoas de afogamento. O futebol foi imposto aos estudantes sob ameaça de surra de varas, e, embora o jogo tenha sido tenazmente recusado no início, ele foi gradualmente aceito, de forma espontânea e com entusiasmo.

De maneira geral, Mangan faz então duas observações. Referindo-se ao futebol, ele conclui que:

O jogo carrega em si uma ordem moral baseada na ética do compromisso e dedicação, de espírito de equipe e de sujeição do indivíduo às necessidades do grupo, da coragem e bravura pessoal. Os povos colonizados eram muitas vezes retratados sem estes atributos. Desta maneira, o futebol era visto como um método que introduziria a estes tais características almeçadas. (MANGAN, 2001, p. 53-54)

No entanto, ele observa que “o jogo também possuía o impacto prático de transformar a forma dos corpos indianos e desenvolver as habilidades consideradas desejáveis pelos britânicos, que precisavam de empregados locais para pôr em prática suas visões mais ambiciosas de reforma imperial” (MANGAN, 2001, p. 53-54). Um hábil resumo da relação entre o esporte, Igreja cristã e colonialismo foi construído ao longo dos últimos dez anos, aproximadamente: a introdução de esportes em escolas missionárias foi destinada a servir a dois propósitos: transformação física e transformação moral.

Enquanto Mangan se concentrou no Império Britânico, com exemplos de escolas de meninos na Índia, outra relação semelhante é encontrada em outros contextos. Em um exemplo da colônia francesa na África, Phyllis Martin descreveu o papel dos padres católicos na promoção do esporte. A educação foi deixada nas mãos da Igreja no Congo, uma vez que a região continuou a ser um lugar atrasado do colonialismo francês no século XX. Assim, em 1913, missionários estabeleceram o Clube Jovem (Youth Club) em Brazzaville, com o objetivo claro de promover “o trabalho civilizatório que a França se comprometia nas colônias”. As atividades centrais eram os esportes organizados, e o vigário-geral confessou que tais atividades físicas tinham uma finalidade moral por trás: “temos todos os tipos de jogos, e

assim iremos livrá-los da influência da dança imoral e das companhias perigosas”. Martin conclui que:

As atividades organizadas no Clube Jovem logo ganharam popularidade e centenas de pessoas se reuniram para participar. Portanto, como aconteceu no resto do mundo colonial, muitos africanos em Brazzaville foram primeiramente introduzidos às práticas esportivas européias, como a ginástica, futebol e atletismo no pátio da missão, após a missa no domingo, depois da escola ou durante os feriados. (MARTIN, 1991, p. 58)

Enquanto estão disponíveis exemplos da Ásia e da África, dos contextos coloniais britânicos e franceses, outros estudos de caso enfatizam que o objetivo não foi sempre endereçado aos meninos. Janice Brownfoot argumentou que as missionárias na Malásia procuravam libertar mulheres e meninas asiáticas de tradições e costumes que, de acordo com os cristãos ocidentais, impediam a realização individual e o desenvolvimento moderno da economia e da sociedade local. O esporte foi fundamental para seus programas. A ideia era melhorar a condição física das meninas, apresentando-lhes virtudes morais de autocontrole e autoconfiança, bem como as lições sociais dos esportes ocidentais, pois “os jogos de equipe eram particularmente defendidos como um treinamento para a vida” (BROWNFOOT, 1990, p. 67), uma vez que eles desenvolviam a cooperação e a compreensão de uma ação corporativa. Brownfoot parece convencida de que o contexto colonial permitiu que evangélicas cristãs trabalhassem tão precisamente que “a introdução de esportes junto com a língua inglesa pelas missionárias brancas, pelo menos junto a uma parte de garotas asiáticas, foi realmente revolucionária [...] e o estilo de vida de muitas garotas e mulheres asiáticas foi transformado”. (BROWNFOOT, 1990, p. 78).

Uma história semelhante emerge de outro contexto, o da China, onde o colonialismo ocidental foi de caráter mais indireto do que formalmente direto. A cultura confucionista das elites chinesas determinava a docilidade feminina, impondo a prática do foot-binding<sup>4</sup>. Esta prática esmagava os pés de mulheres desde crianças, utilizando banda-

---

4-NR: *Foot-binding* era um tradicional costume chinês de enfaixar os pés de meninas para evitar seu crescimento. Julgava-se que pés pequenos tornavam as mulheres mais bonitas e femininas.

gens apertadas. As escolas missionárias introduzidas no século XIX, quando os governos ocidentais impuseram o sistema de tratados desiguais sobre a China, a fim de introduzir sua economia, atacaram esta prática e a posição de subordinação das mulheres. O esporte foi essencial ao currículo das instituições cristãs na educação de meninas chinesas e Fan Hong (1997, p. 58) observou que “o exercício físico era praticado na maioria das escolas missionárias de meninas” e em 1906, quando cinquenta meninos participaram de um encontro de atletismo em Hankou, seis meninas das escolas também dele participaram. Hong conclui que as mudanças causadas por essas novas experiências corporais foram dramáticas e fundamentais para a compreensão do crescimento do movimento da emancipação feminina na China:

Novos exercícios físicos revelaram um caminho para o bem estar das mulheres. As mulheres chinesas exigiram tanto a libertação de sofrimentos físicos culturalmente fundados quanto a eliminação de preconceitos culturais contra a participação das mulheres em atividades físicas. Essas exigências criaram as bases para uma mudança na imagem e posição da mulher na sociedade chinesa. (HONG, 1997, p. 61)

Em suma, esses exemplos mostram como, através de vários contextos coloniais e semicoloniais, pesquisadores têm identificado uma relação bem semelhante entre as atividades da igreja cristã, o colonialismo e o esporte. De forma bem simples, as igrejas ocidentais foram fundamentais nos impérios britânico e francês, em contextos coloniais, formais e informais, e em toda a Ásia e África, no estabelecimento do esporte moderno em sociedades não ocidentais. A introdução desses esportes foi destinada a servir aos grandes propósitos tanto das Igrejas quanto dos governos coloniais. Estas práticas transformaram os corpos e o contexto moral das populações colonizadas em formas consideradas mais desejáveis ou mais convenientes aos objetivos dos evangelistas ou administradores que viam os padrões indígenas como ofensivos e obstrutivos.

O caso a ser discutido neste artigo proporciona um bom contraste com esses estudos sobre esse modelo de atividade cristã, colonialismo e esporte. O caso inclui elementos habituais, mas sugere que a importância da Igreja no estabelecimento do futebol em Goa não foi de forma alguma vinculada às relações de governo colonial do período. De

fato, mais que isso, as autoridades coloniais na Índia portuguesa não tinham nenhuma função de estabelecer ou desenvolver o esporte nesse território e só tardiamente se deram conta das possibilidades que poderiam advir da prática de atividades esportivas.

### **A Igreja e o início do futebol de Goa**

A Igreja católica instalou-se juntamente com os invasores portugueses em Goa, quando a expedição de Vasco da Gama lá aportou em 1498. Durante todo o século XVI, deu seguimento aos projetos de Contrarreforma e de Inquisição na Ásia. Fortemente aliados ao governo colonial nos territórios portugueses de Goa, Damão e Diu, os clérigos evangélicos difundiram o cristianismo e atacaram o hinduísmo, proibindo sua prática em domínios portugueses e conduzindo conversões obrigatórias sobre a população indiana local, onde a persuasão e a pregação não obtiveram resultados. Obviamente, esta aliança entre a Igreja e Estado não foi peculiar à Índia portuguesa, uma vez que tanto em Portugal como em Espanha os propósitos religiosos e os interesses comerciais eram fortemente vinculados, o que os levou a assumir impérios na África e nas Américas, bem como na Ásia.

Apesar de estas primeiras campanhas religiosas serem insistentes e quase sempre violentas, o vigor que marcou os primeiros anos do catolicismo em Goa não se perpetuou. Evidências demonstram que a Igreja perdeu muito de seu ímpeto no segundo século da presença portuguesa na Índia. Michael Pearson sugere que “um enfraquecimento do fervor, mesmo na Inquisição, parece ser perceptível no século XVII, quando os jesuítas também perderam então seu clã e entusiasmo inicial e se concentraram no comércio” (PEARSON, 1997, p. 148). Em vez de continuar como um agressivo vetor de um imperialismo cultural alienado, a Igreja criou raízes locais e logo se incorporou à sociedade indiana. Em meados do século XIX, diante de dados consideravelmente confiáveis, cerca de dois terços da população de Goa era cristã (PEARSON, 1997, p. 150). Além disso, em 1834, aproximadamente 280 dos 300 clérigos da Índia portuguesa eram de origem local e, de fato, em 1833, as leis contra a prática de ritos hindus dentro de território português foram eliminadas. Em outras palavras, no século XIX, a Igreja católica estava nas mãos da sociedade goesa local e amenizava sua ofensiva contra outras crenças daquela sociedade.

Isto aconteceu porque a Igreja católica era vista por muitos goeses no século XIX como a igreja que eles frequentavam, e não uma instituição colonial. O processo de adoção e adaptação dos hábitos cristãos se deu desde a chegada dos portugueses em 1498 e um estudo recente afirma que “a religião que os conversores trouxeram há mais de quatro séculos foi ‘familiarizada’, aceita e adaptada sob os termos da matriz local” (ROBINSON, 1998, p. 214). De fato, Rowena Robinson conclui que “pode-se dizer que a própria fé, de origem européia, parece ter sido indigenizada, incorporada e adaptada à ordem socio-ritual existente e padrões de hierarquia e privilégios” (ROBINSON, 1998, p. 214).

O entendimento da natureza da Igreja católica em Goa neste período é importante, uma vez que esta desempenhou um papel fundamental no começo da expansão do futebol na Índia portuguesa no final do século XIX. Foi um padre britânico, que, de visita, trouxe o futebol para Goa em 1883 pela primeira vez. O padre William Robert Lyons partiu de Udipi a Siolim para se recuperar na costa de um surto de doença que ele contraiu no interior. Em Siolim, ele logo se envolveu com as atividades da igreja local, fundando a Escola *St. Joseph* que, mais tarde, foi realocada para Arpora. Outros diretores logo se convenceram das vantagens de se integrar o futebol aos programas educacionais e em 1893 a escola particular de inglês em Assolna também adotava esse esporte, sob a liderança de seu diretor sênior Antônio Francisco de Souza. Apesar de trabalhar no sul de Goa, Souza era de Siolim, onde o futebol foi introduzido pelo Padre Lyons. Mais importante ainda, o seminário Rachel, que foi o centro principal de formação de padres em Goa, aderiu também ao jogo. Nos anos seguintes, por decreto do bispo das Índias Orientais, os padres foram proibidos de participar de torneios de futebol, uma vez que o bispo considerava o espetáculo de futuros padres perseguindo uma bola de batina como uma subestimação de suas vocações. Contudo, a importância dos jogadores seminaristas é inegável, pois eles levaram o jogo até as aldeias onde serviam. Assim, o futebol encontrou rapidamente seu caminho nas áreas rurais, longe das elites urbanas, entre as quais foi originalmente introduzido. O futebol nas vilas de Goa foi estruturado de várias maneiras, conhecido como o sistema *gaunkurs*, que foi ideal para a sua introdução:

Os *gaunkurs* eram os membros masculinos da casta dominante de uma aldeia, *brâmane* ou *kshatriya*: em teoria, eram descendentes dos primeiros colonos do povoado. Eles eram hindus ou cristãos. Além disso, administravam as associações destas aldeias, que controlavam a maioria dos assuntos como: estradas, drenagem, irrigação, segurança pública, religião (apoiavam a igreja local ou templo, dependendo se a aldeia era cristã ou hindu), educação e saúde. (PEARSON, 1987, p. 154)

Em outras palavras, as aldeias já possuíam organizações com experiência em mobilizar a população local para assuntos da comunidade. Além disso, os *gaunkurs* se preocupavam também com educação e saúde e tinham um forte vínculo com os padres locais. A estrutura da sociedade de aldeias em Goa no século XIX, lembrando que 85% dos goeses viviam em aldeias em 1910, propiciava a formação de times de futebol locais, através de um entusiasmado clero.

No começo século XX, as competições eram realizadas entre os times que tinham nome de escolas católicas<sup>5</sup> ou de associações das aldeias. As escolas St. Mary em Saligao, St. Mary em Assolna e St. Xavier em Margao competiam com times de aldeias como o *Boys Social Club of Cova* e Calangute. Os últimos foram os vencedores do primeiro torneio registrado em Goa, o Grande Torneio de Futebol do Grêmio Literário e Recreativo de Mapuca. A final foi disputada em 1925 diante de uma multidão de 4.000 pessoas. Embora introduzido por um missionário britânico, o envolvimento da Igreja com o futebol em Goa é mais diretamente comparável com os times católicos na Escócia do que com o esporte missionário na Índia britânica. Este último, mencionado acima, foi um exercício direto da hegemonia colonial, que via o esporte como “uma parte significativa da cultura imperial e um importante instrumento de associação cultural imperial e mudança cultural subsequente” (MANGAN, 1992, p. 4). Os jogos eram adotados, de forma autoconsciente, como um meio de impor uma ordem moral externa sobre uma população local relutante na Índia britânica, o “esporte era um meio de transmitir uma série de crenças e padrões britânicos sobre justiça, honestidade e objetividade em

---

5-As escolas católicas e as escolas particulares de inglês não religiosas formaram a base dos primeiros times de Goa. Este fato se compara diretamente com as origens do futebol em outros contextos. Para exemplos, ver Mason (1980, p. 22-24).



um contexto de respeito pela autoridade tradicional” (MASON, 1992, p. 142). De fato, estes conceitos eram frequentemente impostos de forma violenta por homens como Cecil Earle Tyndale-Biscoe.

No entanto, em Goa, a condição indigenizada da Igreja no final do século XIX mostra que o historiador precisa pesquisar mais para chegar a uma compreensão do papel das instituições religiosas na promoção do futebol. O jogo foi igualmente adotado por padres da comunidade católica irlandesa na Escócia no final do século XIX. Os famosos clubes escoceses como o Hibernian e o time da costa oeste, Glasgow Celtic, eram, no início, fortemente ligados à Igreja e a padres como Canon Hannan, que vigorosamente ajudou a formar o Hibernian através de sua paróquia no distrito de Cowgate em Edimburgo (WEIR, 1992, p. 43). O objetivo de fundar estes clubes tinha menos a ver com a imposição de uma ordem moral externa sobre uma população colonizada e mais com a consolidação e melhoria de uma constituição religiosa existente. Com relação ao Hibernian, Celtic e Dundee Harp no século XIX, John Weir (1992, p. 44) concluiu que:

Certamente a intenção original daquele clero católico romano ligado aos clubes de futebol era patriótico, não administrativo. Os resultados dos jogos não eram de importância, e sim a imersão dos jovens católicos aos padrões da Igreja Católica, proporcionando conforto aos católicos carentes e mantendo os católicos longe da influência dos não católicos. Estes eram os objetivos<sup>6</sup>.

De fato, a influência da Igreja pode ser vista na função do desenvolvimento contínuo do futebol na diáspora goesa. O esporte foi incorporado à identidade goesa, como resultado das migrações dos trabalhadores. A economia goesa sob o governo português estagnou durante a maior parte do século XIX e começo do século XX, e os historiadores tendem a apontar para “o atraso do setor agrícola de Goa” e observar que “o setor comercial permaneceu fraco [e] não houve nenhum tipo de desenvolvimento industrial” (PEARSON, 1987, p. 154). Para muitos, a economia crescente da Ásia no período e o crescimento nas proximidades de Bombaim, centro comercial da costa oeste da Índia britânica, proporcionou oportunidades importantes de sucesso que

---

6-Ver também Finn (1991, p. 80-83).

não se encontravam nas hierarquias de povoados rigidamente controlados ou no comércio moribundo de posses portuguesas.

Em 1921, estimou-se que 469 mil goeses viviam em Goa, Damão e Diu, enquanto até 200 mil goeses viviam longe de casa, na Índia britânica, África Oriental ou Mesopotâmia. Cerca de um quarto da comunidade de expatriados vivia em Bombaim. A maioria deles trabalhava em empregos de níveis mais baixos, servindo à vibrante economia dos portos, embora até um quinto disso fizesse parte do grupo flutuante que tinha acabado de sair do emprego ou estava na cidade procurando por emprego. “Daqueles em Bombaim, as principais funções eram de marinheiros (37%), cozinheiros e garçons (18%), balconistas, alfaiates e aias (cada um 8%) e músicos (2%), outros 18% eram desempregados” (PEARSON, 1987, p. 156).

Diante de uma grande comunidade urbana e com dificuldades para negociar como desempregados, além das saudades de casa e da alienação cultural, os goeses em Bombaim se organizaram rapidamente em clubes e instituições baseados na lealdade de sua terra natal. Pearson (1987, p. 156) enfatiza este fato, concluindo que:

uma característica notável desta migração foi a maneira com que os laços com a terra natal e as famílias foram mantidos [...] Os famosos clubes goeses em Bombaim, aos quais a maioria da comunidade pertencia, eram baseados de acordo com os valores de seus povoados. Um goês em Bombaim se relacionava com pessoas de seu vilarejo natal através de um clube e sua vida social e vários aspectos de seu bem-estar social eram concentrados nestes clubes.

As consequências do futebol eram culturais e práticas. Em um nível prático, as comunidades de expatriados usaram sua influência econômica emergente<sup>7</sup> para expandir a base institucional do futebol goês, com a fundação e financiamento de clubes para os que migravam a Bombaim. Isso mostra que o futebol de expatriados também foi importante para o surgimento cultural do futebol na psique goesa. O esporte foi sendo usado como um meio de fortalecimento dos laços com a nova pátria pelas comunidades migrantes através do envio dos

---

7-Em 1951, a receita de remessas das comunidades migrantes era de 22 milhões de rúpias. Ver Rubinoff (1998).

times de futebol para competição. Além disso, mostra também como o futebol rapidamente se estabeleceu como um meio de autoidentificação goesa, quando no exterior. Na verdade, o futebol continua a ser um elemento importante das relações de expatriados com Goa ao longo do século XX. Por volta de 1940, o melhor time migrante de Bombaim, o Young Goans, estava em torneio na Índia portuguesa e pessoas bem relacionadas como Augusto de Noronha e Távora foram organizando partidas de exibição em Goa para grandes times como o Tata da Índia britânica. De fato, recentemente, em janeiro de 2000, houve uma Copa do Mundo Goesa organizada pelas comunidades goesas de todo o mundo, em que cada grupo de migrantes enviou um time de volta a Goa para competir por um troféu.

O nome do time que participou no primeiro torneio enfatiza a importância contínua da Igreja católica sobre esses desenvolvimentos. A escola St. Mary's de Bombaim enviou um time de volta a Goa já em 1905 para jogar contra os Panjim Boys, na cidade natal do último, a capital da Índia portuguesa. Em outras palavras, o primeiro time de expatriados, com condições financeiras e habilidade organizacional para enviar de volta a Goa jogadores para competir contra times locais, tinha como base uma instituição católica em Bombaim. A Igreja foi fundamental para a implantação de futebol em Goa, e, posteriormente, foi também responsável pela organização dos jogos entre as comunidades migrantes goesas.

### **Colonialismo português e o futebol**

O exemplo do futebol em Goa segue apresentando ainda mais contrastes com muitos estudos sobre esporte em contextos coloniais. Allen Guttmann (1994, p. 33) mostrou que o governo colonial na Índia britânica foi fundamental para a introdução do críquete, uma vez que administradores, tais como Lord Harris, governador de Bombaim em 1890, incentivaram deliberadamente o jogo para propósitos políticos. Paul Dimeo (2001, p. 63-64) argumentou que uma situação semelhante existia em Calcutá com o futebol, particularmente sob o comando de Sir Charles Elliott, que serviu como tenente-governador de Bengala, no mesmo período. Esses esportes eram fomentados por funcionários nas escolas do governo para promover a boa condição física, para impor uma nova ética e para incentivar a camaradagem entre os alunos de diferentes origens religiosas.

No entanto, em Goa, o governo colonial só se interessou em promover o futebol quando o esporte se tornou fortemente vinculado à sociedade indiana. Os anos cinquenta foram uma década curiosa na história de Goa, uma vez que foi o último período dominado pelos portugueses e foi o primeiro no século XX em que Portugal parecia ter se despertado às possibilidades de Goa. Sob crescente pressão para ceder Goa à República da Índia, que foi emancipada pelo Império britânico em 1947, Portugal iniciou uma última política fracassada de manter os territórios próximos a ele. Isto se deu através de duas linhas principais de políticas: desenvolvimento industrial e vínculo cultural. Ambas deram importante colaboração ao desenvolvimento do futebol na colônia.

As políticas culturais de Portugal na década de 1950 eram tentativas de afirmar que Goa não era de modo algum indiana e era de fato uma sociedade essencialmente europeia, que tinha crescido durante quatro séculos sob o domínio português. Desta forma, argumentou-se que a República da Índia não tinha direito legítimo sobre os territórios considerados não como colônias, mas como províncias integrantes do Estado de Portugal, com representação plena e igualitária no Parlamento metropolitano:

Os portugueses sempre demonstraram a tendência de criar uma pátria moralmente unida com territórios e povos que com o tempo viriam a ser incorporados à nação; em nenhum momento as diferenças raciais, religiosas ou a dispersão de terras foi um impedimento [...] A verdade é que os povos em questão têm demonstrado, ao longo da história, a mesma solidariedade vivida em Portugal, como os galhos de uma árvore com seu tronco e raízes. (SALAZAR, 1956, p. 9)

Nos relatos de 1956, o ditador português Oliveira Salazar (1956, p. 4) afirmou que “aquele que nasce e vive em Goa, no Brasil ou em Angola é tão português como aquele que vive e nasce em Lisboa”. O problema com essa tentativa de justificar o domínio português foi de que a maior parte desta declaração era evidentemente falsa. Na década de 1950, apenas três por cento dos goeses em Goa falavam português e durante este período até a Igreja católica pretendia dissociar-se do governo colonial. O próprio Cardeal Gracias, de descendência goesa, estabelecido em Bombaim, afirmou que “no que concerne à população

católica de Goa, sua cultura não é portuguesa e sim goesa” (PEARSON, 1987, p. 159).

Assim, os portugueses, em suas últimas tentativas, procuraram sensibilizar os goeses dos benefícios do governo europeu e de seus laços com o Estado luso. O futebol provou ser um meio importante de tentar promover esta associação cultural e de destacar a eficácia da administração portuguesa. Em 1951, o Conselho de Desportos da Índia portuguesa foi criado e pela primeira vez criou-se uma liga goesa, com primeira e segunda divisão. Este organismo substituiu a Associação de Futebol da Índia Portuguesa, que se tornou extinta depois de dez anos de sua fundação, em 1939, tendo falhado em organizar uma liga ou obter o reconhecimento da Associação de Futebol Portuguesa.

O objetivo do Conselho de Desportos era rejuvenescer o futebol de Goa e demonstrar, através de um meio popular, a eficiência do governo português. A infraestrutura foi melhorada no período, com inovações como jogos com iluminação em 1958. As melhorias foram feitas na administração dos jogos, uma vez que os jogadores tiveram, pela primeira vez, que se registrar em um único clube e o Conselho criou e administrou um sistema de cartão de identidade. O futebol de Goa foi então dividido em quatro zonas, Bardez, Panjim, Margão e Mormugão, e cada uma tinha um administrador nomeado para supervisioná-la. O primeiro campeonato foi vencido pelo Clube Desportivo Chinchinim, que derrotou o F. C. Siolim e levou o título. O Clube de Desportos de Vasco da Gama conquistou o título três vezes, a Associação Desportiva de Velha Goa venceu duas vezes e o Sporting Clube de Goa, Grupo Desportivo da Polícia, Clube Independente de Margão e o Clube Desportivo Salgaocar, venceu, cada um, uma vez sob o governo português, que terminou em 1961 (LEITARIO, 2000).

Na tentativa de sensibilizar os goeses quanto ao lugar que eles ocupavam no mundo português, torneios dos principais times do Império português foram organizados nos territórios. Em 1955, o time Ferroviários de Lourenço Marques saiu de Moçambique para jogar com um time representante do estado. Na frente de uma multidão de 20.000 pessoas, eles forçaram um empate de 2 x 2 na primeira partida antes de derrotar o time indiano fazendo 5 x 1 no dia seguinte. A agenda política por trás dos torneios era óbvia no convite estendido a um dos principais clubes do Paquistão em 1959. O Port Trust Clube de Karachi jogou para uma multidão de 7.000 e 15.000 pessoas, vencendo o primeiro jogo e perdendo o último e, claro, simbolizando a solidarie-

dade de duas nações futebolísticas anti-Índia. Talvez a mais famosa de todas as equipes portuguesas, o time de Benfica, visitou Goa em 1959. Eles jogaram contra o Military e ganharam de 2 x 1 e depois jogaram duas vezes com o Goa. O governo português procurou se associar com esta prestigiosa visita e o jogo final teve a presença do governador-geral da Índia portuguesa, general Vassalo da Silva. O time de Goa perdeu o primeiro jogo de 4 x 0 e o jogo final de 1 x 0. A visita de um dos maiores times do mundo a Goa induziu a separação do futebol de outras áreas esportivas do Conselho de Esportes da Índia portuguesa, que, como o próprio nome sugere, era um conselho geral do esporte. A Associação de Futebol de Goa foi fundada em 22 de dezembro de 1959, uma organização que, sob o mesmo nome, continua a administrar o esporte até hoje (LEITARIO, 2000).

A segunda tentativa dos portugueses em criar interesse pelo seu governo em Goa foi de caráter econômico:

Na década de 1950, Portugal também se esforçou, embora tardiamente, para que a população de Goa fosse vista em condições distintamente melhores do que seus vizinhos na Índia. O Plano de Desenvolvimento foi decretado em 1952. Esta ação aumentou as exportações de minério de Goa, que começava a exportar minério de ferro. As receitas provenientes desta atividade e das remessas dos migrantes significavam que a renda *per capita* em Goa era aproximadamente um terço maior do que na Índia. (PEARSON, 1987, p. 159)

Juntamente com a exploração das reservas de minério de ferro, das quais a maioria era exportada ao Japão, os portugueses também começaram a exportar manganês para os Estados Unidos. O resultado disso foi que, enquanto trabalhadores mineiros pobres eram explorados, um pequeno grupo privilegiado de goeses lucrou em grande escala com essa súbita expansão no setor industrial goês.

Os clubes de futebol que se desenvolveram a partir de organizações industriais teriam sido menores, se o futebol de Goa fosse consistente desde o princípio, como no caso da escola Western India Portuguese Railway, que organizou regularmente um time entre seus estudantes. No entanto, na década de 1950, indústrias privadas começaram a fazer grandes investimentos em clubes que levavam seus nomes, atuando como um meio de propaganda e autoengrandecimento para as empre-

sas em questão. O mais bem sucedido destes clubes tem sido o Salgaocar Sports Club. Fundado como Vimson F. C. em 1955 pela House of Salgaocar, uma grande empresa mineradora e exportadora de minério de ferro ao Japão e Coreia do Sul, o clube foi beneficiado com grande suporte financeiro e venceu, invicto, a segunda divisão em 1957. Em seguida, ganhou a primeira divisão no campeonato, no último ano do governo português, em 1961. Sob uma interessante reflexão da continuidade tanto na indústria como no futebol entre o governo português e a União Indiana, Salgaocar, em seguida, venceu as duas primeiras temporadas da liga após a libertação. No total, eles venceram o campeonato quatro vezes na década de 1960, duas vezes na década de 1970, cinco vezes na década de 1980 e quatro vezes na década de 1990. Esse foi o primeiro time goês a representar o Estado em uma grande competição exclusivamente indiana, a Copa Durand, em 1962, em Nova Deli, onde o primeiro-ministro Nehru Jawarharlal fez questão de ser fotografado com o time no gramado de sua residência. No momento em que a União Indiana ainda tinha tropas ocupando os territórios de Goa e os goeses recorriam às Nações Unidas em busca da independência, esta foi uma importante imagem da incorporação e reconciliação projetada para os jornais. Salgaocar foi o único time goês que venceu o Durand Cup em 1999, a temporada em que se tornou o primeiro time do Estado a vencer a Liga Nacional de Futebol que tinha começado em 1995. Ele também venceu a Copa do Rovers e a Supercopa nesta temporada. Embora o time tenha sido um elemento de poder no futebol na Índia desde a libertação, vale também lembrar que a House of Salgaocar sempre fez questão de manter uma forte relação com o poder administrativo na estrutura do futebol dos Estados. Em 1959, um Salgaocar foi vice-presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Goa e, quarenta anos mais tarde, o presidente do clube se encontra como o Presidente do comitê executivo da Associação de Futebol de Goa (LEITARIO, 2000).

Outras grandes partes industriais também adotaram ou fundaram clubes. O Dempo Sports Club se desenvolveu a partir da adoção do Bicholim Football Club pela House of Dempo em 1960 e passou a ser o primeiro clube goês a levantar a taça do Rovers Cup, o campeonato mais antigo de Bombaim. O Sesa Goa Sports Club foi fundado e o time de futebol foi criado em 1965 pela empresa Sesa Goa, uma subsidiária da empresa italiana de minério de ferro, Ilva. A equipe rapidamente se desenvolveu e venceu a Liga de Goa em 1968 e em

1973. No entanto, a matriz da empresa deixou de ser de propriedade italiana, passando a ser japonesa, diminuindo o interesse pelo time de futebol. Além disso, na década de 1990, as reivindicações salariais dos jogadores aumentaram consideravelmente e, com base na ideia original de atender à comunidade através do esporte, a administração decidiu que o orçamento seria mais bem usado em uma escola de futebol para os mais jovens do que no pagamento de salários aos jogadores. Em 1998, o time foi oficialmente desmontado e a Sesa Goa Football Academy foi criada com o objetivo de proporcionar tanto a educação formal como o treinamento de futebol para 25 meninos na faixa etária de 14-18 anos (LEITARIO, 2000).

Em suma, a última década do domínio português foi um passo importante para a compreensão da evolução do futebol goês, uma vez que foi nesta década que as grandes empresas industriais da região foram estabelecidas. Essas empresas investiam grandes quantias no futebol goês e na administração de seus clubes mais famosos. Se este é o legado principal do período, então é importante lembrar que a Associação de Futebol de Goa também se desenvolveu a partir dessa década. Isto se deve à tentativa dos portugueses em usar a administração do futebol como um meio de demonstrar a eficácia de seu governo à esfera popular, nos anos nos quais Portugal tentava justificar o seu governo à população goesa, diante da crescente pressão para descolonizá-la a partir da recém-estabelecida União Indiana.

Assim, Goa, mais uma vez, proporciona um interessante contraste com a Índia britânica. O período em que os britânicos defenderam mais energicamente a causa esportiva na Índia foi ao final do século XIX e início do século XX. Seus objetivos eram introduzir esses jogos para os locais, enfatizando a superioridade de sua própria cultura e também como um meio de repassar os valores daquela cultura aos jogadores indígenas. Por volta de 1920 e 1930, o críquete foi de fato comandado por indianos (ver GUHA, 1998) e tem-se argumentado que os britânicos tinham deixado de ser uma presença significativa no futebol indiano em 1930 (MILLS; DIMEO, 2001, p. 6). Na verdade, as evidências apresentadas em um artigo recente confirmam a última conclusão, uma vez que Boria Majumdar mostrou como, na luta pelo poder entre os Bengalis e outros indianos pelo controle do futebol na década de 1930, os britânicos se caracterizavam simplesmente como suplentes na politicagem e eram os próprios indianos que se ocupavam no planejamento do futuro do futebol (MAJUMDAR, 2002).



No entanto, na Índia portuguesa, as autoridades coloniais não desempenharam nenhum papel na introdução e estabelecimento de esportes ocidentais modernos entre a população de Goa. Como dito, foram as instituições e os funcionários da igreja Católica indigenizada que agiram como um vetor para o futebol, que se tornou o mais popular e o mais jogado dos esportes modernos em Goa. As autoridades portuguesas, tardiamente, procuraram se envolver com o jogo, impactando direta e indiretamente suas políticas na década de 1950. Elas somente se envolveram diretamente quando tentaram manipular o meio de suporte bem estabelecido para o jogo entre a população, para objetivando repassar a mensagem de que o colonialismo português foi benevolente e que governava de acordo com os interesses da sociedade local.

Em outras palavras, não há nenhuma semelhança entre a Índia britânica e a Índia portuguesa na história do esporte em geral ou do futebol em especial. Os britânicos usaram o jogo para afirmar sua superioridade e para induzir uma mudança social e cultural, e seu envolvimento e influência sobre os esportes introduzidos por eles diminuíram ao longo das décadas. Os portugueses não fizeram isso e não desempenharam nenhuma função na introdução do esporte europeu na Índia. Em vez disso, buscaram tardiamente causar impacto sobre esse esporte, nas últimas fases do desenvolvimento do futebol ao escolher especificamente o futebol, já que o jogo havia se tornado um meio cultural bem estabelecido. No entanto, fora uma tentativa vã de tornar sua administração bem aceita pela população.

## **Conclusão**

Este artigo utilizou a Índia portuguesa como uma forma de desafiar ideias sobre a relação entre o colonialismo, esporte e atividades cristãs que se desenvolveram na última década. Essas ideias têm enfatizado que, em vários contextos, parece haver semelhanças notáveis entre as histórias da introdução dos esportes e jogos modernos ocidentais. O contexto colonial foi o cenário para o estabelecimento destes jogos e esportes no mundo não ocidental e os missionários cristãos eram os principais responsáveis na promoção destas atividades. Faziam isso porque, juntamente com seus pares em governos coloniais, viram os esportes ocidentais como um meio de transformar corpos indígenas em formas consideradas mais úteis ou desejáveis por seus próprios pa-

drões. Eles também reconheciam que esses esportes levavam consigo um código de ética tecido em torno de sentimentos, tais como trabalho em equipe, autodisciplina e perseverança, que esperavam impor sobre as culturas daqueles que eles tinham submetido.

Portanto, o exemplo do futebol na Goa colonial proporciona um caso interessante em que nenhum dos modelos acima se aplica, embora muitos dos elementos da história sejam familiares. De fato, a Igreja católica desempenhou um papel fundamental na promoção do jogo, e, ainda assim, não era vista como uma força evangélica ou uma instituição missionária externa; era mais uma parte totalmente indigenizada que viu o jogo como um meio de manter congregações e de escorar as estruturas sociais existentes, e não como uma forma de introduzir algo novo, social ou culturalmente desafiador. A intervenção das autoridades coloniais sobre o futebol seguiu o mesmo direcionamento, ou seja, não teve a intenção de introduzir o futebol ou influenciar uma transformação social ou cultural. Em vez disso, os portugueses viram o futebol como algo já profundamente enraizado na cultura da população em questão, esperando, assim, associar a popularidade do jogo a seu governo, agindo em seu próprio interesse.

Isto é um exemplo que pode ser usado para desafiar ideias sobre o esporte colonial e sobre as atividades organizações cristãs nestes esportes, com olhos na agência da população local. Na Índia portuguesa, o futebol de fato criou raízes e se desenvolveu num período de dominação imperial através das atividades da Igreja católica. No entanto, em contraste com o número de estudos que enfatizam a sua importância, as autoridades coloniais ou os missionários cristãos parecem ter contribuído pouco para isto. Assim, o historiador deve focar nos grupos e instituições indígenas para explicar o desenvolvimento do futebol em Goa.

---

**Colonialism, Christians and Sport: the Catholic Church and Football in Goa, 1883-1951**

**Abstract**

The chapter uses the development of football in Goa, the Portuguese colony in India until 1961, as a case study with which to critique existing histories of sport and colonialism. The start point of the article is that when taken together existing studies of football in particular, and to an extent sport in general, in colonial contexts bear a range of similarities. Broadly speaking a model can be drawn from them, one in which Christian missionary activity and colonial government projects act to introduce and encourage western sports among colonized populations who then even-

tually adopt and adapt the games. The Goa example offers a fresh perspective as it argues that while elements of the story of football there are familiar from these other studies, the role of indigenous agents in propagating the game at its earliest stages is crucial to understanding how the sport took off and became embedded in local society and culture.

**Keywords:** History. Football. Colonialism.

### **Colonialismo, cristianos y deportes: la iglesia católica y fútbol en Goa, 1883-1951**

#### **Resumen**

Este trabajo se utiliza del desarrollo del fútbol en Goa, colonia portuguesa en la India hasta 1961, como estudio de caso para examinar los hechos actuales del deporte y colonialismo. El punto de partida del artículo es que los estudios anteriores sobre el fútbol, en particular, y el deporte, en general, en contextos coloniales, tienen muchas similitudes. En general, un modelo se puede concluir de estos estudios, cuando la obra misionera cristiana y los proyectos de las actividades de los gobiernos coloniales desarrollados para introducir y fomentar el deporte entre la población occidental colonizada, que eventualmente adoptado y se han adaptado a estos juegos. El ejemplo de Goa ofrece una nueva perspectiva, ya que como parte de la historia del fútbol coinciden con los de otros estudios, el papel de los agentes indígenas en la difusión del juego en sus primeras etapas es crucial para entender cómo el deporte se ha desarrollado e incorporado en la sociedad y la cultura local.

**Palabras clave:** Historia. Fútbol. Colonialismo.

---

#### **Referências**

BROWNFOOT, J. Emancipation, Exercise and Imperialism: Girls and the games ethic in colonial Malaya. **International Journal of the History of Sport**, 7, 1, 1990.

DIMEO, P. Football and politics in Bengal: colonialism, nationalism, communalism. In: DIMEO, P.; MILLS, J. (eds.). **Soccer in South Asia: Empire, nation, diaspora**. London: Frank Cass, 2001.

FINN, G. Racism religion and social prejudice: Irish Catholic Clubs, Soccer and Scottish Society. **International Journal of the History of Sport**, 8, 1, 1991.

GUHA, R. Cricket and politics in colonial India. **Past and present**, vol. 161, 1998, p. 165-190.

GUTTMANN, A. **Games and empires: Modern sports and cultural imperialism**. New York: Columbia University Press, 1994.

HONG, F. **Footbinding, feminism and freedom:** The liberation of women's bodies in modern China. London: Frank Cass, 1997.

LEITARIO, N. da L. (ed.), **The grass is green in Goa:** Celebrating 40 years, 1959-1999, Goa Football Association. Goa: Panjim, 2000.

MANGAN, J. A. Soccer as moral training: Missionary intentions and imperial legacies. In: DIMEO, P.; MILLS, J. (eds.). **Soccer in south Asia:** Empire, nation, diaspora. London: Frank Cass, 2001.

\_\_\_\_\_. **The games ethic and imperialism:** Aspects of the diffusion of an ideal. Aylesbury: Viking, 1985.

\_\_\_\_\_. Britain's chief spiritual export: Imperial sport as moral metaphor, political symbol and cultural bond. In: MANGAN, J.A (ed.). **The cultural bond:** Sport, empire, society. London: Frank Cass, 1992.

MAJUMDAR, B. The politics of soccer in colonial India, 1930-1937: the years of turmoil. **Soccer and Society**, vol. 3, n. 1, 2002, p. 22-36.

MARTIN, P. Colonialism, youth and football in French Equatorial France. **International Journal of the History of Sport**, 8, 1, 1991.

MASON, T. **Association Football and English Society, 1863-1915.** Brighton: Harvester Press, 1980.

\_\_\_\_\_. Football on the maidan: cultural imperialism in Calcutta. In: MANGAN, J.A (ed.). **The Cultural Bond:** Sport, empire, society. London: Frank Cass, 1992.

MILLS, J.; DIMEO, P. Introduction: Empire, nation, diaspora. In: DIMEO, P.; MILLS, J. (eds.). **Soccer in south Asia:** Empire, nation, diaspora. London: Frank Cass, 2001.

SALAZAR, O. **Goa and the Indian union:** the portuguese view. Foreign Affairs, April 1956.

PEARSON, M. **The New Cambridge History of India I: The portuguese in India.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ROBINSON, R. **Conversion, continuity and change: Lived christi-  
nity in southern Goa.** London: Sage, 1998.

RUBINOFF, A. **The construction of a political identity: Integration  
and Ientity in Goa.** London: Sage, 1998.

WEIR, J. (ed.). **Drink, religion and scottish football 1873-1900.**  
Edinburgh: Stewart Davidson Renfrew 1992.

.....  
Recebido em: 20/08/2011

Revisado em: 19/09/2011

Aprovado em: 25/11/2011

**Endereço para correspondência**

jim.mills@strath.ac.uk

James Mills

University of Strathclyde

16 Richmond Street,

Glasgow G1 1XQ

Scotland, United Kingdom